

DOIS NATAIS NUM SÓ DIA

QUANDO, há anos, embarquei no aeroporto de Guararapes, Recife, Brasil, o calendário do «hall» marcava 24 de Dezembro e o termómetro subira ao ponto máximo da estação. Um calor pesado, de insónia tropical. Salas quase desertas, cais de embarque solitário como um apeadeiro minúsculo do interior.

Realmente, quem viaja numa noite de Natal? — perguntava eu, entre tanta desolação. Só os deserdados, é bem de ver, os sem-família. E, já dentro do DC-7, ao descobrir um sujeito de barba de rabi, acrescentei cá comigo: «Ou os judeus, por exemplo...».

O homem lia um breviário (o *Tora*, certamente), alheio a tudo, ao avião quase vazio e às grinaldas (de plástico) que pendiam do tecto. Lá em baixo, a 5 mil metros, Recife, com os seus coqueirais da costa e Fernando de Noronha, um fogacho de luzes boiando no Atlântico, há muito que tinham desaparecido. De repente, um casal de franceses, no banco ao lado do meu, agarrou-se à campainha e só descansou quando o comissário acudiu. «*Du champagne!*» gritou o cavalheiro, e a senhora voltou-se para mim: eram 21 horas a bordo, meia-noite em Paris, onde a família festejava nesse exacto momento o Natal.

Ofereceram-me uma taça. Bebi e voltei-me melancolicamente para a janela. À frente do avião, a estrela polar dominava a noite. Durante toda a travessia do oceano esse sinal manter-se-ia diante de nós como um guia entre as nuvens. E lembrei-me da infância, da estrela de cartão sobre o Presépio, conduzindo os Reis Magos através de jornadas desérticas.

Horas depois, uma música suave começava a escorrer dos altifalantes sobre todos nós, passageiros de uma noite de Natal. Hospedeiras silenciosas distribuíam garrafas-miniatura e embalagens especiais com figos, avelãs, e não sei mais quê. Ao topo do compartimento foi colocado um *trolley* com um bolo de velas (apagadas, porque a bordo uma chama significa cataclismo, excomunhão) e acto contínuo o «Jingle the Bells», com o seu repique de sinos *made in Hollywood*, revolveu a meia-sonolência em que nos embalávamos. A música baixou, a voz do comandante surgiu por cima dos nossos lugares:

— *Captain N... and his crew wellcomes you on board and whish a very happy Christmas...*

O meu Natal desse ano foi isso: as boas-festas através de um microfone, um bolo de velas apagadas, grinaldas artificiais penduradas no tecto e um rabino de chapéu na cabeça a repisar as leis de Moisés. Ele (lembro-me bem) tinha posto na cadeira o clássico cartão do *Don't Disturb* e era uma ilha em viagem, uma sinagoga suspensa. *Don't Disturb...* não me incomodem. Gozem lá o vosso Natal, parecia dizer esse vulto obcecado, e deixem-me com o meu calendário da Terra Prometida.

Mas, vendo bem, todos nós éramos igualmente ilhas e cada qual demandava o Velho Mundo com a estrela polar a conduzir-nos. E todos, à velocidade de 500 quilómetros por hora, cobríamos num só dia duas-mesmas datas sem que nenhuma delas nos tivesse atingido profundamente...